



BOXE NO CAPÃO

Eloa Cardoso de Araujo





O presente relato traz um olhar para as atividades desenvolvidas durante as aulas de Educação Física ao longo do ano de 2019, com duas turmas de quarto ano do Ensino Fundamental na EMEF Campo Limpo II, situada no bairro do Capão Redondo, extremo sul da cidade de São Paulo.

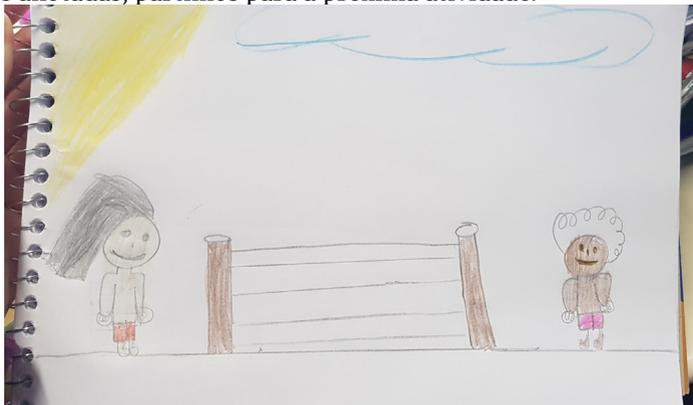
Primeiro ano atuando na rede municipal de ensino da cidade de São Paulo, primeiro trabalho desenvolvido na perspectiva cultural de Educação Física. Deparei-me com turmas com hábitos e costumes decorrentes de aulas pautadas em outras perspectivas que a professora titular desenvolvia.

Senti-me desafiada a todo instante, pois além de me permitir dar os primeiros passos com o currículo cultural, uma perspectiva diferente para mim, os alunos estavam acostumados com outro tipo de currículo. Iniciei o trabalho observando os alunos, os acontecimentos na escola, o espaço e os materiais disponíveis: luvas, bandagem, cordas, nécessaire, colchonetes. No primeiro contato com os estudantes fizemos uma conversa para saber quais temas já tinham sido vivenciados e discutidos por eles durante as aulas, as práticas já acessadas em outros espaços e os locais que eles frequentavam no bairro. Mencionaram a Fábrica de Cultura, campos de futebol, quadras poliesportivas, pracinhas, ruas etc. Falaram bastante de esportes, brincadeiras, ginásticas, pouco disseram sobre danças e lutas.

Atenta às falas e às práticas mencionadas, elegi a luta como tema a ser desenvolvido. Assim, encaminhei a primeira atividade, separei diversas imagens de diversos corpos praticando o boxe, mulheres, homens, negros, brancos, asiáticos, crianças, idosos, pessoas gordas, magras, gestantes.

A intenção era convidar a turma a produzir uma leitura acompanhada de reflexão sobre as subjetividades que penetram a ocorrência da luta. As

narrativas e ilustrações voltaram-se aos corpos: “Nossa, que cabelo feio, seco, sem hidratação”; “Os homens sempre ganham. Que magrelo!”. Com as falas anotadas, partimos para a próxima atividade.



Ao comunicar que estudaríamos a luta, os alunos ficaram eufóricos, fizeram vários comentários e se mostraram envolvidos. Mencionaram o MMA, muay thay, karatê, capoeira, mas nada disseram sobre o boxe. Diante dessas informações e da disponibilidade de material, decidi tematizar o boxe nas aulas.

Levei os alunos para a quadra, fizemos um círculo e coloquei todos os materiais e acessórios da modalidade no centro. Deixei-os à vontade para comentar e manipular os equipamentos, enquanto observava e atentava às falas e gestos. “Nossa que legal!”. “Isso deve ser muito caro”. “Para que serve isso?” Os educandos calçaram as luvas, questionaram para que serviam as bandagens e arriscaram alguns movimentos característicos do boxe. Em nenhum momento intervi ou orientei, simplesmente deixei que eles aproveitassem aquela experiência. Logo após perguntei aos alunos se reconheciam ou sabiam o nome dos materiais. Todos sabiam sobre as luvas, mas os acessórios causavam dúvidas e não sabiam ao certo como usar e para que serviam. Sugeri que fizessemos uma pesquisa para obter respostas.



Diante disso fomos à sala de tecnologia. Os alunos se mostraram bem envolvidos e empolgados. Percebi que parte se mostrava resistente com relação aos praticantes da modalidade, para a grande maioria, o boxe era coisa de: “homem forte”, “corpos musculosos”, “sarados”. O acesso à internet possibilitou compreender melhor os acessórios utilizados.



Dividi as aulas sempre que possível em vivência/pesquisa, dependendo das falas e devolutivas dos alunos, retomando a vivência munidos de algo novo, essa estratégia deu super certo e impulsionou ainda mais o envolvimento das turmas. Foi notória a mudança de relação com o material e a familiarização no uso.



Usando imagens retiradas da internet, apresentei alguns atletas, como o Popó, Maguila, Robson Conceição, também vimos competições, premiações. Percebi na que quase toda as imagens representavam homens, uma situação que reforçava ainda mais a ideia de que a prática “era” masculina. Assim, foquei em lutas femininas e busquei novos nomes e promessas atuais da luta. Demos visibilidade à Beatriz Lima, medalha de ouro nos Jogos Pan-americanos de Lima, em 2019. Apresentei também Jusciele Romeu, medalha de prata na mesma competição.

Alguns meninos mostraram resistência e desinteresse quando diante das lutas femininas. Por outro lado, as meninas se identificaram e se

potencializaram ainda mais nas aulas. Percebi que nas vivências algumas meninas disputavam o material com os meninos, não se excluíam, cobravam igualdade no tempo de uso de material. Como as luvas não eram suficientes para todos, exigiam o rodízio.

Nas vivências após a apresentação das lutas, os alunos reproduziram alguns gestos e cantavam os nomes dos golpes quando praticavam. Vimos os nomes dos golpes, as posições, movimentações, e tudo foi vivenciado. Em momento algum pensamos na perfeição ou execução correta da gestualidade característica da luta.

Nas vivências seguintes os gestos estavam cada vez mais apurados, os alunos se apropriando e mergulhados nas aulas. Entretanto, a postura de alguns com relação à desvalorização da imagem da mulher na prática ainda me intrigava. Apesar da diminuição paulatina, mostrava ainda a necessidade de intervenção, não sabia como e o que fazer especificamente, muito menos se resolveria.

Senti a necessidade de aproximar os alunos ainda mais das vivências, pois notei que somente as pesquisas e vídeos não eram suficientes, queria impulsioná-las. Resolvi convidar alguém para partilhar experiências, contar histórias, tirar dúvidas, contar como é o dia a dia, sua vida, não necessariamente no boxe, mais que fosse alguma luta. Fiz algumas pesquisas, alguns convites, enviei mensagens para alguns atletas, não obtive sucesso, devido aos dias e horários das turmas. Semanas depois, um amigo disse que uma colega de faculdade era lutadora de boxe. Era tudo que eu precisava.

Entrando em contato descobri que se tratava de uma jovem atleta de muay thai. Pensei: e agora? Não era boxe, como vou ligar uma prática à outra? Vou ter que mudar a tematização? Várias dúvidas surgiram. Aproveitei o fato de se tratar de uma mulher, pois isso poderia ser uma grande conquista tendo em vista a possibilidade de quebrar as barreiras com os meninos. Poderia potencializar a visibilidade feminina e, de quebra, os alunos conheceriam outra modalidade.

Conversando com a jovem atleta Bianca Lima e pesquisando sobre a luta, descobri que os golpes básicos do muay thai se assemelham ao boxe: socos, movimentação de pernas e quadril. Percebi que não ficaria tão distante uma prática da outra.

A Bianca compareceu à escola e fez uma exposição às turmas. Ela se apresentou como Bia Lima, mostrou suas lutas, troféus, vídeos de competições, relatou suas vivências, treinamento, dificuldades encontradas por ser mulher, periférica do extremo sul da cidade de São Paulo. A Bia iniciou contando como foi seu primeiro contato com a luta e o que a levou a praticar muay thay, como eram os treinamentos, a alimentação, relatou experiências. A Bia tinha somente uma derrota em seu histórico de lutas, foi campeã paulista e primeira no ranking feminino.

Foi interessante perceber o estereótipo que os alunos tinham em relação aos praticantes da luta, ficaram intrigados com a estatura da atleta. Por ser baixa e não possuir o corpo musculoso como imaginavam encontrar, expressaram: *Ela é muito pequena! Como ela ganha luta? Ela nem é forte.* Aquele primeiro momento foi totalmente frustrante para eles, pois não era nada daquilo que eles esperavam. A turma aguardava alguém de estética muito forte, musculoso e, obviamente, um homem. E isso foi ótimo pois a presença da Bia demoliu falas, pensamentos e atitudes.

Percebi que após assistirem às lutas e verem a Bia vencendo, as falas mudaram em relação a ela. Eles se envolveram muito mais no universo dela. Foram juntos. Quando a viam na sequência de golpes se sobressaindo às oponentes, os alunos começaram a gritar e torcer por ela – “Vai jab! isso soca ela, ela é muito boa!” Totalmente eufóricos, percebi que ali deram as mãos e caminharam coletivamente.

Bia mostrou suas medalhas e troféu, disse que na modalidade não era comum premiação com troféu, por isso ela só tinha um, geralmente a premiação é feita com medalhas, ela tirou de uma sacola várias medalhas e passou para os alunos tocarem, sentirem, visualizarem. Chuva de perguntas, curiosidade e muito envolvimento na atividade. “Porque que você começou a lutar?” “Qual as dificuldades que você tem por ser mulher na luta?” “Você luta com homem?” “Quanto você ganha?” “Você tem patrocínio?”

Propus à Bia que organizasse uma vivência com os alunos. Expliquei o que já tinham visto sobre a movimentação, materiais e golpes, porém deixei claro que não era necessário uma execução correta dos golpes e sim a experiência. Os alunos adoraram, percebi o interesse, envolvimento em tudo que era pedido e compartilhado por ela, ela virou uma heroína para

eles. “Nossa eu nunca vi uma atleta!” “Eu quero um autografo! Ela é muito boa”. “Prof, traz ela todos os dia!?”.

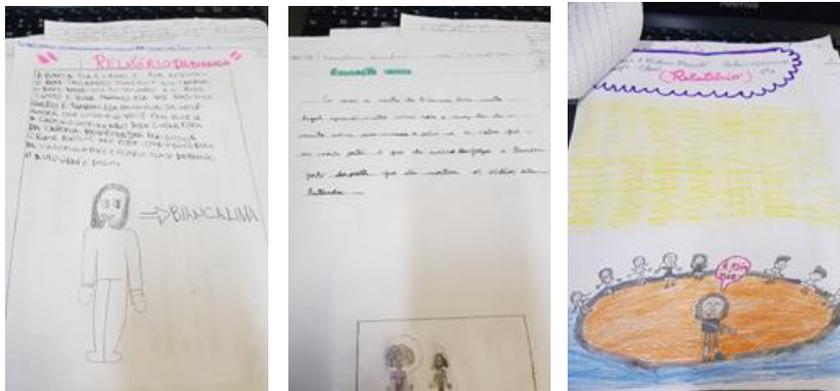


A aula foi linda, uma troca muito grande de afeto e acolhimento da Bia, percebi também que essa vivência foi muito importante para ela. Estudante do curso de licenciatura em Educação Física, tinha sido o primeiro contato dela com alunos de uma escola pública.



Na aula seguinte, conversamos sobre o encontro, os alunos fizeram uma linha cronológica e foram narrando dificuldades, curiosidades, aprendizagens no decorrer do trabalho. Solicitei uma ilustração e um relato escrito

sobre a tematização do boxe, tendo de apontar o que acharam mais interessante da atividade, o que mais chamou atenção, um ponto positivo e aspectos que precisavam ser melhorados. Os trabalhos vieram cheios de carinho e muita empolgação, os relatos mostraram que aquela experiência foi importante na vida dos alunos.



O simples fato de receber a convidada foi algo muito grandioso para eles. Notaram a Bia como uma celebridade da luta e eu achei isso maravilhoso, separei alguns trabalhos e mandei para ela. Na sua devolutiva, ela demonstrou ter ficado comovida e emocionada. No momento de ida à escola estava insegura, pois ainda não tinha desenvolvido atividade alguma com estudantes. Ao terminar a conversa, Bia disse que nunca tinha vivido algo igual, que foi muito importante o contato com os alunos e principalmente com as meninas, mostrar que sim, é possível a participação das mulheres na modalidade e, principalmente, levar a modalidade para o ambiente escolar.

Aproveitei o muay thay apresentado pela Bia para explorar outros tipos de boxe, como a modalidade utiliza várias partes do corpo, aproveitei o gancho e sugeri aos alunos que pesquisassem variações como o boxe chinês, francês e tailandês. Ao final da pesquisa, os estudantes sabiam mencionar os diferentes tipos, as partes do corpo solicitadas por cada um, reconheciam as mudanças dos gestos de uma modalidade para a outra e suas

variações. Finalizei o trabalho com essa última atividade, pois não tínhamos tempo hábil para prosseguir devido ao encerramento do ano letivo.

Avalio que a tematização do boxe foi totalmente desafiadora para mim que passei anos pautando minha prática pedagógica em outra perspectiva de Educação Física. Desconstruir tudo e começar do zero não foi/é fácil, mas foi/é totalmente gratificante. Hoje não me vejo colocando em ação outro currículo. Após leituras, diálogos com companheiros e companheiras de luta, percebi que o currículo cultural atende meus anseios, me leva a acreditar e me dá ferramentas. As situações didáticas, os relatos dos colegas, os encontros do GPEF, fortaleceram-me para construir uma educação pública de qualidade, potencializando as diferenças. Permite-me estar sensível às minorias, às práticas marginalizadas e silenciadas. O currículo cultural é o sopro diário que necessito para seguir em frente e fazer uma outra educação.



Para assistir ao vídeo da apresentação dessa experiência, clique [aqui](#).